

Da Dissimulação à criação de si – aspectos da hipocrisia em Nietzsche

Gustavo Bezerra do Nascimento Costa*

Resumo:

É possível reavaliar, para além do ponto de vista moral, o estatuto da hipocrisia na formação ou criação de si? O presente texto trata da questão do sentido e do valor da *hipocrisia* a partir do pensamento de Nietzsche, ou seja, de que forma seria possível pensar uma re-significação do conceito de hipocrisia à luz das críticas nietzscheanas à noção de verdade. Com base nessa distinção, pretende-se discutir as idéias de máscara e aparência no pensamento nietzscheano, defendendo a hipótese de que, para além da valoração negativa imposta pela moral cristã, é possível compreender a hipocrisia como *jogo e manuseio de máscaras* que, em última instância, conduzem ao princípio ético-estético nietzscheano de *criação de si* como *segunda natureza*.

Palavras-chave: hipocrisia; dissimulação; criação de si; segunda natureza.

From dissimulation to self-creation – aspects of hypocrisy in Nietzsche

Abstract:

Is it possible to re-evaluate, beyond the moral point of view, the condition of hypocrisy in if self-formation or self-creation? This article deals with the matter of the sense and value of *hypocrisy* from Nietzsche's thought, which means, in what way it is possible to think about a re-signification of the concept of hypocrisy considering nietzschean critique to the notion of truth. Based on this distinction, we intend to discuss the ideas of masks and appearances in nietzschean thinking. Our hypothesis is that, beyond the negative evaluation imposed by Christian moral, it's possible to comprehend *hypocrisy* as *game and handling of masks* which at last lead to the ethic-esthetic nietzschean principle of *self-creation* as *second nature*.

Key-words: Hypocrisy; dissimulation; self-creation; second nature.

* Mestrando em Filosofia – UFC/FUNCAP.

*O mais nobre dos hipócritas –
Não falar absolutamente de si mesmo
é uma bem nobre hipocrisia
(HH §504:269).*

Não estariam a dissimulação e a hipocrisia (aqui entendida como arte da dissimulação) ainda submetidas a uma valoração *ressentida* da moral cristã? É possível reavaliar, do ponto de vista filosófico, o estatuto da hipocrisia na formação ou criação de si¹? Comumente impregnada de uma conotação moral negativista, associada à mentira e à falsidade², a acepção usual de hipocrisia tem como pressuposto (ou contraposto) um conceito incondicional de *verdade* que é marca da nossa civilização. Tal acepção, assim entendemos, poderia ser criticada e revista já no momento mesmo em que se observa a etimologia da palavra, cuja origem grega – *hupokrisía*, remete à ação de desempenhar um papel, a própria arte do ator. Também o conceito de dissimulação [*dissimulatio*] – como atestam os tratadistas do comportamento³ e pensadores políticos italianos do séc. XVII – pode ser reavaliado em sua significação. Por outro lado, a própria ética [*ethos*], que significa costume, caráter, morada, pode também significar *máscara*⁴, *personagem*. Vale ressaltar que a um hipócrita é possível ser sincero e “dizer a verdade”, no momento em que assim achar conveniente.

Com base no pensamento nietzscheano, no entanto, essa reavaliação ganha novos contornos e dimensionamento. Sob diversas facetas e perspectivas, partindo de uma avaliação ora negativa, ora positiva, a *hipocrisia* [*Heuchelei*] e a *dissimulação* [*Verstellung*] estão presentes de forma significativa⁵ em sua obra. No cerne dessa re (ou trans) valoração, assim defendemos, está a crítica nietzscheana à idéia de “verdade”⁶, presente já desde seus primeiros escritos e fundamental para se compreender seu pensamento.

¹ Cf. NIETZSCHE, F. *A Gaia ciência*. §290, p. 195-196. Cf. *Ecce homo*. Utilizamos o termo “criação de si” como correlato dos termos “interpretação de si mesmo” e “segunda natureza”, bem como de “tornar-se o que se é”. O termo “criação de si pode ser encontrado, dentre outras passagens, em *Miscelânea de opiniões e sentenças*. §102. Vale também ressaltar a proximidade com a idéia de “*cuidado de si*” em Foucault. Cf. FOUCAULT, Michel. *Estética, ética y hermenêutica*. Cf. tb. DAMIÃO, Carla M. *Sobre o declínio da sinceridade*.

² Tomamos aqui os dois termos de maneira similar. Entendemos, no entanto, que a *mentira* talvez se situe melhor como oposição à *sinceridade*, sendo a *falsidade* oposta à *verdade*.

³ Cf. ACCETTO, Torquato. *Da dissimulação honesta*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.27. Vale ressaltar aqui a distinção feita por Accetto já no séc. XVII: “*A dissimulação é a habilidade de não fazer ver as coisas como são. Simula-se aquilo que não é, dissimula-se aquilo que é*”. Também Maquiavel, em *O Príncipe*, defende o uso da dissimulação como estratégia política.

⁴ Cf. SCHÜLER, Donald. *Heráclito e seu (dis)curso*. p. 178-179: “*Máscara é morada. Também é morada o rosto que a máscara reveste [...] A cadeia de máscaras não termina*”; e ainda: “*A virtude do prudente é proferir a palavra que o momento requer*”.

⁵ Apesar de não tratar diretamente da questão, Maria Cristina F. Ferraz parece também apontar para essa resignificação da hipocrisia a partir dos textos de Nietzsche. Cf. FERRAZ, Maria Cristina F. *Nietzsche: filosofia e paródia*, p.28-37.

⁶ Cf. MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*.

Em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* (1873) a crítica de Nietzsche aponta para as condições fisiológicas e históricas do “*instinto* (ou impulso) *de verdade*” que marca nossa civilização e cujo cerne ilusório e metafórico revela antes uma tendência moral⁷, ou seja, a “*crença*” na verdade como valor incondicional. Verdade e mentira são ilusões da linguagem – essa mesma criada a partir de artifícios metafóricos⁸ – baseadas em relações de confiança estabelecidas como forma de coesão e coerção social. “A verdade são ilusões cuja origem está esquecida”⁹. “A verdade surge como uma necessidade social: por uma metástase em seguida passa a ser aplicada a tudo, mesmo onde não é necessária” (*Livro do Filósofo*, §91). Surgida como de utilidade social, a metáfora “verdade” é, no entanto, suplantada por uma segunda ilusão que é de fato uma *tendência moral: o impulso à verdade*:

Os homens não evitam tanto o engano quanto o fato de sofrer um prejuízo por serem enganados: [...] não odeiam, pois, a ilusão, mas as conseqüências deploráveis e adversas de certos tipos de ilusão. É num certo sentido também restrito que o homem quer a verdade: deseja as conseqüências agradáveis da verdade, as que conservam a vida. (*Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, §1).

Também originada do instinto de conservação, a dissimulação não se choca com essa concepção de verdade. Ao contrário, no conjunto de sua obra há passagens em que o autor ressalta a importância da dissimulação na manutenção de relações sociais. Ela é aqui o meio pelo qual o intelecto se desenvolve como meio de sobrevivência dos indivíduos mais fracos frente aos mais fortes:

Na qualidade de meio de conservação para o indivíduo, o intelecto desenvolve suas principais forças na dissimulação; este é, com efeito, o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos robustos, subsistem [...]. Com o homem esta arte da dissimulação atinge seu auge: a ilusão, a lisonja, a mentira e o engano (Ibidem, §1).

Ou é ela mesma a forma de sobrevivência dos mais fortes e valiosos em meio aos mais fracos (e mais numerosos):

⁷ A idéia de uma “tendência moral” da verdade será alvo do “martelo” nietzscheano também em *A Gaia Ciência* (*op.cit.* §190). Aqui o tema será tratado em sua relação com o “enganar e deixar-se enganar”.

⁸ Cf. NIETZSCHE, F. in *Da Retórica*. I, 3, p.44-45. Estudo filológico realizado entre 1872 e 1874, à época de sua docência em Basileia.

⁹ Cf. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. Texto de cunho filosófico, porém inacabado, datado do período entre 1872 a 1874. Assim como *Da Retórica*, apenas teve publicação póstuma. Ambos são, no entanto, os textos em que o autor, se não sistematiza, ao menos confere um tratamento ordenado e de conjunto a seus pensamentos sobre a relação entre linguagem e verdade – campo propício ao desenvolvimento da dissimulação – e que serão desenvolvidos em seus escritos posteriores.

Tudo o que é profundo ama a *máscara* [...]. Há eventos de natureza tão delicada, que faríamos bem em soterrá-los e torná-los irreconhecíveis através de uma grosseria [...]. Não são as coisas mais ruins aquelas de que mais nos envergonhamos: não existe apenas insídia por trás da máscara – há muita bondade na astúcia. [...] Esse homem oculto, que instintivamente usa a fala para calar e guardar, e é incansável em esquivar-se à comunicação, *deseja* e solicita que uma máscara ande em seu lugar, nos corações e nas mentes dos amigos [...]. Todo espírito profundo necessita de uma máscara: mais ainda, ao redor de todo espírito profundo cresce continuamente uma máscara, graças à interpretação perpetuamente falsa, ou seja, *rasa*, de cada palavra, cada passo, cada sinal de vida que ele dá. (BM, §40).

Isso porque:

As espécies não crescem em meio à perfeição: os fracos sempre se tornam novamente senhores sobre os fortes. Isto acontece porque eles estão em grande número e porque eles são também mais inteligentes. [...] os fracos possuem mais espírito... [...] Eu entendo por espírito, como se vê, a cautela, a paciência, a astúcia, a dissimulação [*Verstellung*]... (CI, “Incursões de um extemporâneo”, §14).

Pressupõe-se aqui um jogo da astúcia que é próprio da dissimulação e da hipocrisia enquanto arte da dissimulação. Sua expressão mais bem acabada aparece na *Genealogia da moral* (1887). A dissimulação, assim como seus frutos: astúcia e inteligência, são aqui instrumento da estratégia de sobrevivência escrava e “rebelião” ante o senhor. Sob um duplo registro – histórico e psicológico¹⁰, o confronto senhor *x* escravo marca o embate entre dois *tipos*, no qual o mais forte sobrepuja o mais fraco e este, em nome de sua sobrevivência, deixa-se escravizar. De um lado o senhor, o *nobre* – que *se sente* como bom e que tem na *atividade* e imposição de sua *força*, a expressão de um “Sim a si mesmo”. De outro o escravo, o *ressentido* – aquele que *não se sente forte* e por isso mesmo precisa *construir*, por meio da *inteligência*, *memória* e *astúcia*, o seu *ideal* de bondade; cuja reação é uma “vingança imaginária” (GM, I. §10) que, por não se concretizar, não se afirma a não ser como *ódio* que envenena e que *re-cria* valores em negação aos valores nobres (GM, I, §7). Aqui, *inteligência*, *memória* e *astúcia* parecem confluír para a construção daquilo que irá permitir ao escravo a *co-existência* e o triunfo sobre o instinto nobre: a ***dissimulação*** [*Verstellung*] de seus instintos, seja na forma de uma vingança não assumida, seja como uma suposta aceitação da sua condição de escravo, seja pela criação e crença em valores do ressentimento, seja ainda pelo “excesso de sentimento” (GM, III, §19) do sacerdote asceta.

¹⁰ A existência dessa dupla via de interpretação parece ser corroborada pelo próprio autor (*Além do bem e do mal*. §260), e é também empregada por boa parte de seus comentadores. Citamos aqui GIACCOIA Jr., O. *Nietzsche como psicólogo*. p. 87-88.

Ora, a crítica nietzscheana à idéia de verdade a coloca em uma relação não mais de oposição (que diz respeito a espécies), mas de hierarquia (que diz respeito a graus) com a mentira ou a falsidade. Não se trata, no entanto, de sustentar uma oposição, agora no nível de uma relação “verdade x aparência”. Suprimindo o mundo verdadeiro, suprime-se também a idéia de aparência como aquilo a que se opõe.

Não passa de um preconceito moral que a verdade tenha mais valor que a aparência; é inclusive a suposição mais mal demonstrada que já houve. Admita-se ao menos o seguinte: não existiria nenhuma vida, senão com base em *avaliações* e aparências *perspectivas*; e se alguém, com o virtuoso entusiasmo e a rudeza de tantos filósofos, quisesse abolir por inteiro o “mundo aparente”, bem, supondo que vocês pudessem fazê-lo – também da sua “verdade” não restaria nada! Sim, pois o que nos obriga a supor que há uma oposição essencial entre “verdadeiro” e “falso”? Não basta a suposição de graus de aparência, [...] diferentes *valeurs* [valores], para usar a linguagem dos pintores? [grifos nossos] (BM, §34).

Se já não é plausível submeter a aparência ao julgo da verdade, não se trata, no entanto, de abolir a idéia de verdade: “verdade é o tipo de erro sem o qual uma espécie de seres vivos não poderia viver. Trata-se, antes, de compreendê-la – assim como as oposições que dela decorrem – como fruto de *relações de valor* úteis à conservação de um tipo homem, resultado da necessidade que esse tem de crenças estáveis – em última instância expressão de uma *vontade de poder*¹¹. E nesse sentido, redimensioná-la a partir de uma *re-significação da idéia de aparência* na qual verdade e mentira se reinserem e se dissolvem. Nesse redimensionamento, dissolve-se também não só a própria idéia de realidade como composição de “fatos”¹², assim como a noção de um “sujeito” que os constitua. Esse passa a ser compreendido a partir da idéia de *máscara*, sendo esta a forma própria como o “sujeito” se reinsere no conceito de aparência.

Em *El Sujeto y la mascara*, Gianni Vattimo realiza uma leitura do pensamento de Nietzsche tendo como chaves as idéias de máscara e decadência. O autor defende que o conceito de decadência – fio condutor, para ele, do pensamento nietzscheano – só é compreendido de forma satisfatória a partir de uma reavaliação da relação entre ser e aparência (dissolução do ser na aparência) que desemboca em um repensar da noção de

¹¹ Sobre a relação entre *verdade*, *valor* e *vontade de poder*, conferir alguns fragmentos de 1885 a 1887 que constam na edição crítica das obras completas de Nietzsche, p.ex. COLLI, G; MONTINARI, M. (orgs.); *Nietzsche: Sämtliche Werke - Kritische Studienausgabe* (KSA). Berlim; Munique; Nova York: Walter de Gruyter, 1999. vol. 11:9 [38]; 11:25 [410] e 11:34 [253]. Os fragmentos também constam na seleção: *Vontade de poder*. §507:267; §495:264 e §493:264, respectivamente.

¹² Sobre “fato” e “sujeito” Cf. COLLI, G; MONTINARI, M. (orgs.); *Nietzsche: Sämtliche Werke - Kritische Studienausgabe* (KSA). Berlim; Munique; Nova York: Walter de Gruyter, 1999. vol. 12:7 [60] e 12:10 [19]. Cf. *Vontade de poder* §481:260; §485:261, respectivamente.

máscara, a qual não pode mais ser entendida como disfarce, mas como configuração. Para Vattimo a filosofia de Nietzsche pode ser entendida como uma filosofia da *máscara* e do *além-do-homem*. Isso porque é na elaboração desse problema que se dão as premissas para construção dos temas principais de seu pensamento.

Chegamos ao ponto em que poderíamos perguntar: mas onde fica a hipocrisia nessa reavaliação? Com a crítica àqueles “substratos” – com o conhecimento de sua origem, utilidade e finitude – poderíamos crer que a hipocrisia, enquanto mentira e fingimento “daquilo que não se é”, também é suprimida. Ora, é precisamente com essa crítica que vem à tona a possibilidade de uma reavaliação, ou *re-valorização*, da idéia de hipocrisia, em particular, em seu estatuto ético-artístico. Re-valorização que representa, na realidade, uma reaproximação com o conceito primeiro de hipocrisia: a arte do ator, como vimos. Próprio à hipocrisia é a idéia de jogo, manuseio e arte cujo “objeto” é precisamente a máscara.

Como o parecer vira ser – Mesmo na dor mais profunda o ator não pode deixar de pensar na impressão produzida por sua pessoa e por todo o efeito cênico. [...] O hipócrita que representa sempre o mesmo papel deixa enfim de ser hipócrita. [...] Se alguém quer *parecer* algo, por muito tempo e obstinadamente, afinal lhe será difícil *ser* outra coisa. A profissão de quase todas as pessoas, mesmo a do artista, começa com a hipocrisia, com uma imitação do exterior, com uma cópia daquilo que produz efeito. Aquele que sempre usa a máscara do rosto amável terá enfim poder sobre os ânimos benévolos, sem os quais não pode ser obtida a expressão de amabilidade – e estes por fim adquirem poder sobre ele, ele é benévolo. (HH, §51,).

Hipocrisia como força criadora, modeladora, mutável, com a qual o espírito “frui a astúcia e diversidade de suas máscaras, frui também o sentimento de sua certeza – justamente por suas artes de Proteu ele é bem protegido e escondido!...” (BM, §230). Hipocrisia como arte que, por meio da consciência, conduz o “parecer” ao “ser”. Vontade de aparência e superfície contra a qual atua o pendor do homem de conhecimento e sua necessidade de profundidade, muito embora àquela se renda.

A consciência da aparência – [...] O que é agora, para mim, aparência? Verdadeiramente, não é uma máscara mortuária que se pudesse aplicar a um desconhecido X e depois retirar! Aparência é, para mim, aquilo mesmo que atua e vive, que na zombaria de si mesmo chega ao ponto de me fazer sentir que tudo aqui é aparência, fogo-fátuo, dança de espíritos e nada mais – que, entre todos esses sonhadores, também eu, “homem do conhecimento”, danço a minha dança, que o homem do conhecimento é um recurso para prolongar a dança terrestre e, assim, está entre os mestres-de-cerimônia da existência, e que a sublime coerência e ligação de todos os conhecimentos é e será, talvez, o meio supremo de manter a universalidade do sonho e a mútua compreensibilidade de todos esses sonhadores, e, precisamente com isso, *a duração do sonho*. (GC, §54).

É com essa idéia que nos é possível vislumbrar, em Nietzsche, uma aproximação com a idéia de hipocrisia em sua dimensão ético-artística – ou seja, associada às idéias de *caráter* e *virtude*, bem como de uma *práxis* e uma *poiésis*. Para além da idéia de dissimulação como *jogo* da astúcia, é possível, assim nos parece, pensá-la em seu papel na formação – ou *auto-formação*, daquilo que Nietzsche chama de *segunda natureza* e que aqui entendemos como *criação de si*. Propósito que irá atingir seu cimo com a idéia de *tornar-se quem se é*.

A idéia de criação para si de uma *segunda natureza* está presente já desde os escritos juventude de Nietzsche. Uma passagem de *Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para vida*¹³ (*Segunda Consideração Intempestiva* - 1874), ainda que associada à idéia de “formação” [*Bildung*] voltada a intenções político-culturais, é bastante esclarecedora quanto à dimensão ética da criação de uma segunda natureza, assim como da conversão dessa em *primeira natureza*.

... chegaremos então a provocar um conflito entre a nossa natureza íntima, hereditária, e o nosso conhecimento, e também, sem dúvida, haverá uma luta entre uma disciplina nova e rigorosa e os valores legados e inculcados por uma educação tradicional: implantamos em nós um novo hábito, um novo instinto, uma *segunda natureza* [*zweite Natur*] que farão morrer a nossa primeira natureza [*erste Natur*]. Esta é por assim dizer uma tentativa de indicar para si *a posteriori* o passado do qual se queria ter saído, por oposição àquele do qual realmente se saiu – tentativa sempre perigosa, porque é extremamente difícil fixar um limite para esta negação do passado e porque as segundas naturezas são geralmente mais fracas do que as primeiras. [...] Mas alguns chegam a vencer essa batalha, [...] eles sabem que esta primeira natureza há pouco foi uma segunda natureza, e que toda segunda natureza, quando triunfa, se transforma por sua vez numa primeira natureza.

Idéia que implica na possibilidade, ainda que árdua, de um *domínio de si*; o que, se confrontarmos com o que foi até agora exposto, implica em uma idéia de *manuseio ético-artístico* e que requer a hipocrisia como instrumento. (Quão impensável é conceber a hipocrisia como base para a formação do caráter... Talvez mesmo para um mau-caráter! Por outro lado, quão igualmente distantes estamos da hipocrisia como mero fingimento.).

O aforismo 290 de *A Gaia ciência*, em especial, aponta-nos com clareza essa idéia:

Uma coisa é necessária – ‘Dar estilo’ a seu caráter – uma arte grande e rara! É praticada por quem avista tudo o que sua natureza tem de forças e fraquezas e o ajusta a um plano artístico, até que cada uma delas aparece como arte e razão, e também a fraqueza delicia o olhar. Aqui foi acrescentada uma grande massa de *segunda natureza* [grifo nosso], ali foi removido um bocado de primeira natureza: – ambas as vezes com demorado

¹³ Cf. NIETZSCHE, F.W. “Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para vida” in *Escritos sobre história*. Trad. e sel. Noéli Correia de M. Sobrinho. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004. §3:97-98.

exercício e cotidiano labor. Aqui o feio que não podia ser retirado é escondido, ali é reinterpretado como sublime. [...] Por fim, quando a obra está consumada, torna-se evidente como foi a coação de um só gosto que predominou e deu forma, nas coisas pequenas como nas grandes: se o gosto era bom ou ruim não é algo tão importante como se pensa – basta que tenha sido um só gosto! – Serão as naturezas fortes, sequiosas de domínio, que fruirão sua melhor alegria numa tal coação, num tal constrangimento e consumação debaixo de sua própria lei; a paixão de seu veemente querer se alivia ao contemplar toda natureza estilizada, toda natureza vencida e serviçal [...] – Inversamente, são os caracteres fracos, nada senhores de si, que *odeiam* o constrangimento do estilo: eles sentem que, se lhes fosse imposta essa maldita coação, debaixo dela viriam a ser vulgares: – eles se tornam escravos quando servem, eles odeiam servir. Tais espíritos – podem vir a ser espíritos de primeira ordem – visam sempre a configurar ou interpretar a si mesmos e ao seu ambiente como natureza *livre* – [...] e fazem bem ao fazê-lo, pois somente assim fazem bem a si próprios! Pois uma coisa é necessária: que o homem *atinja* a sua satisfação consigo – seja mediante esta ou aquela criação e arte: apenas então é tolerável olhar para o ser humano! Quem consigo está insatisfeito, acha-se continuamente disposto a se vingar por isso: nós, os outros, seremos as suas vítimas, ainda que tão-só por termos de suportar sua feia visão. Pois a visão do que é feio nos torna maus e sombrios. (GC, §290).

Parece haver, nesse sentido, no pensamento nietzscheano, indicações de uma resignificação da hipocrisia na qual seu caráter *estético* vem à tona no sentido de uma aproximação com uma construção *ética*. Criar a si seria, antes de tudo, dar “estilo” a um caráter e fazer de si sua criação artística. Tarefa à qual nem a espontaneidade nem a crença parecem adequar-se.

Onde é necessária a presença da crença. – Nada é mais raro entre moralistas e santos do que a retidão; talvez eles digam o contrário, talvez eles *acreditem* no contrário. Se em verdade uma crença é mais útil, mais eficaz, mais convincente do que a dissimulação *consciente*, então a dissimulação se transforma de imediato e por instinto em inocência... (GM, I, §42).

Aqui nos aproximamos, talvez, daquilo que Foucault (*Une esthétique de l'existence*, pp. 730-735) considera como “elaboração da própria vida como uma obra de arte pessoal”, o que para ele estava no centro da experiência moral greco-romana, voltada para a “ética” e não para o “código”.

A idéia de criação de si alcança seu cimo em *Ecce homo* (1888 – 1908). Aqui, tomando a si como exemplar, Nietzsche nos mostra de forma sublime a criação de si – aqui vista como a arte de “tornar-se o que se é” – como a grande tarefa de uma vida. Sua formulação não está desligada das linhas mestras do pensamento nietzscheano. Antes, assim entendemos, têm nele a sua aplicação, ou seja, “tornar-se quem se é” é a própria expressão da *vontade de poder* no indivíduo, cuja intensidade se adquire com o pensamento do *eterno retorno*, no transformar o

“assim foi” em “assim eu o quis”. Nesse sentido, talvez seja ele a grande meta da obra e da vida de Nietzsche.

Nunca um processo acabado – com o que se converteria em crença – “tornar-se quem se é” é um processo sempre renovado de auto-realização, ou antes, auto-criação. Processo no qual não cumpre apenas conhecer a si próprio – pelo que poderíamos perguntar: como conhecer o que se é, se é nisso mesmo que nos tornamos é, por isso mesmo não somos¹⁴?

Que alguém se torne o que se é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é. Desse ponto de vista possuem sentido e valor próprios até os *desacertos* da vida [...]. Nisto se manifesta uma grande prudência, até mesmo a mais alta prudência: quando o *nosce te ipsum* [conhece-te a ti mesmo] seria a fórmula para a destruição, esquecer-se, *mal entender-se*, empequenecer, estreitar, mediocrizar-se, torna-se a própria sensatez. [...] É preciso manter toda a superfície da consciência – consciência é superfície – limpa de qualquer dos grandes imperativos. [...] Entretanto segue crescendo na profundidade a “idéia” organizadora, a destinada a dominar [...] – Constrói uma após outra as faculdades *auxiliares*, antes de revelar algo sobre a tarefa dominante, sobre “fim”, “meta”, “sentido”. [...] Hierarquia das faculdades; distância; a arte de separar sem incompatibilizar; nada misturar, nada “conciliar”; uma imensa multiplicidade, que no entanto é o contrário do caos – esta foi a precondição, a longa e secreta lavra e arte de meu instinto. (EH, “Por que sou tão inteligente”, §9).

Para além do conhecimento, deve-se *querer* aquilo mesmo que se conhece e disso tomar as rédeas; reconfigurar-se a partir de si próprio, de seus instintos. Trabalho para o qual concorrem a *autodisciplina* [*Selbstdisziplin*], o *cultivo de si* [*Selbstzucht*] e mesmo o egoísmo ou amor de si [*Selbstsucht*]¹⁵.

Para formar em si uma segunda natureza, não cumpriria então criar a si próprio? Não seria a hipocrisia o instrumento mesmo da força configuradora dessas pulsões, as quais não podemos previamente conhecer? Pensamos que sim. E mais uma vez reivindicamos aqui o papel da hipocrisia enquanto arte das máscaras, instrumento da *vontade de poder* conversão de aspectos declinantes e doentios em força criadora e *cri-ativa*.

¹⁴ Cf. BARRENECHEA, Miguel A. de. “*Ecce homo*: arte de chegar a ser o que se é”, p. 141-151. Apesar de colocar a questão de forma bastante precisa, o autor, a nosso ver, parece não ter apontado de forma clara para a dimensão criativa e artística que perpassa o “tornar-se quem se é” nietzscheano e que está para além do conhecimento de si e de seus instintos.

¹⁵ O que, de forma clara, justifica a atenção e importância atribuída por Nietzsche à fisiologia e, em última instância, e a uma dietética. Cf. *Ecce homo*, “Por que sou tão inteligente”, §2 a §8.

Referências Bibliográficas:

- ACETTO, Torquato – *Da Dissimulação Honesta*. Trad. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- BARRENECHEA, Miguel A. de. “Ecce homo: arte de chegar a ser o que se é” in PIMENTA NETO, Olímpio J; BARRENECHEA, M. A. de (orgs.). *Assim Falou Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1999. p. 141-151.
- DAMIÃO, Carla M. *Sobre o declínio da sinceridade*. São Paulo: Loyola, 2006.
- FERRAZ, Maria Cristina F. “Nietzsche: filosofia e paródia” in BARRENECHEA, M. A. de; PIMENTA NETO, Olímpio J (orgs.). *Assim Falou Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1999. p.28-37.
- FOUCAULT, Michel. “*Une esthétique de l’existence*” (entretien avec A. Fontana). In *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. Vol. IV. pp. 730-735. Tradução de Wanderson F. Nascimento disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/biblio.html>.
- GIACÓIA Jr., Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: UNISINOS, 2001.
- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- MAQUIAVEL. Nicolau. *O Príncipe*. Trad. e Sel. Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Coleção Os Pensadores.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Sämtliche Werke - Kritische Studienausgabe (KSA)*. Berlim; Munique; Nova York: Walter de Gruyter, 1999. 15 v.
- _____. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- _____. *Ecce homo*. Trad. Paulo César de Souza. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Escritos sobre história*. Trad. e sel. Noéli Correia de M. Sobrinho. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *A Gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Humano demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *O Livro do filósofo*. Trad. Rubens E. F. Farias. 6ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.

_____. *Miscelânea de opiniões e sentenças*. Trad. Antônio C. Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007.

_____. *Da Retórica*. Trad. Tito C. e Cunha. Lisboa: Vega, 1995.

_____. *Vontade de poder*. Trad. Marcos Sinésio P. Fernandes; Francisco José D. de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

SAFRANSKI, Rudiger. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. Trad. Lia L. Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

SCHÜLER, Donald. *Heráclito e seu (dis)curso*. São Paulo: L&PM, 2000.

VATTIMO, Gianni. *El Sujeto y la mascara*. Trad. esp. Jorge Binaghi. Barcelona: Península, 2003.